

---

## **Desinformação Sobre Vacinação Infantil no WhatsApp: A Checagem de Fatos da Agência Lupa em Conteúdos Enviados por Leitores<sup>1</sup>**

Thiago Cury LUIZ<sup>2</sup>

Beatriz Santos dos PASSOS<sup>3</sup>

Giordano de Arruda TOMASELLI<sup>4</sup>

Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, MT

### **Resumo**

O presente artigo investiga como a Agência Lupa apropria-se dos conteúdos enviados por leitores que abordaram a vacinação infantil, por meio do Whatsapp, para realizar a checagem das narrativas exibidas nas publicações. Considerando conceitos de pós-verdade, desinformação e fact-checking, a pesquisa utiliza a estratégia metodológica de análise de conteúdo. Ao todo, foram selecionadas quatro checagens, publicadas entre janeiro e fevereiro de 2022. No decorrer da pesquisa, a partir dos levantamentos e discussões, é possível apontar que a desinformação foi utilizada como instrumento de propagação de medo e culpa, destinada a pais e responsáveis de crianças, despertando um entendimento equivocado do papel da vacinação no público. Concluímos que a desinformação é uma plataforma de disputa de narrativas, utilizando a ignorância e tendências emocionais como meio de convencimento.

**Palavras chaves:** Desinformação; Covid-19; Vacinação Infantil; Agência Lupa; WhatsApp.

### **Aspectos introdutórios**

Em dezembro de 2021 a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) aprovou a aplicação do imunizante da Pfizer contra Covid-19 em crianças de 5 a 11 anos. Desde então, há um grande número de ataques à campanha de vacinação infantil, inflamados por políticos, entre eles o presidente da República.

Nesse contexto, a desinformação sobre esse tema começou a se espalhar. Jair Bolsonaro disse, em janeiro de 2022, que a morte de crianças por Covid era quase zero. Porém, até aquela data, 308 crianças já haviam morrido só no Brasil pela doença (G1, 2022).

Com esse cenário, a vacinação infantil dividiu opiniões na sociedade, o que está levando a uma baixa procura pelo imunizante nos postos de saúde. Em nota divulgada em

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Tecnologias e Culturas Digitais, XXII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Professor Adjunto do Departamento de Comunicação Social e docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), e-mail: [thiago.luiz@ufmt.br](mailto:thiago.luiz@ufmt.br).

<sup>3</sup> Graduada em Comunicação Social/habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal de Mato Grosso, e-mail: [bbeatrizpassos@gmail.com](mailto:bbeatrizpassos@gmail.com).

<sup>4</sup> Graduando em Jornalismo pela Universidade Federal de Mato Grosso, e-mail: [giordanoarruda@hotmail.com](mailto:giordanoarruda@hotmail.com).

---

março<sup>5</sup>, a Fiocruz chega a responsabilizar os divulgadores de fake news por causar a sensação de insegurança em muitos pais, que, conseqüentemente, não levam seus filhos para vacinar. Segundo a mesma nota, 60,7% das crianças de 5 a 11 anos ainda não haviam tomado nem a primeira dose da vacina até aquela data. No momento, Pfizer e CoronaVac são as duas únicas vacinas liberadas para a aplicação em crianças.

Nesse sentido, este estudo tem como objetivo, por meio da análise de conteúdo como procedimento metodológico, realizar uma investigação de natureza quali-quantitativa da Agência Lupa, especificamente durante o período de janeiro a fevereiro de 2022. Para isso, discutimos os conceitos de pós-verdade, fake news, desinformação e *fact-checking*.

Na seleção da amostra, serão considerados apenas os materiais classificados pela Lupa como enviados pelos leitores, via aplicativo Whatsapp. Dessa maneira, a pesquisa observa e tenta compreender como e que tipo de conteúdo falso e desinformativo sobre a vacinação infantil se espalha pelo aplicativo de mensagens mais utilizado no país.

### **Parâmetros teórico-conceituais da investigação**

Desde 2016, quando foi eleita a palavra do ano pelo dicionário da Oxford, o termo “pós-verdade” tem dominado as discussões sobre os meios comunicação e, sobretudo, o jornalismo e seus desafios dentro de uma lógica que desintegra o principal fio condutor da profissão, que é a busca pela verdade factual. O termo foi conceituado como “circunstâncias nas quais fatos objetivos têm menos influência em moldar a opinião pública do que apelos à emoção e crenças pessoais” (OXFORD LEARNER’S DICTIONARIES, 2022). Muito se fala sobre pós-verdade, política, desinformação e transmissão de informações falsas. Embora esses termos estejam relacionados em alguma medida, os conceitos que o determinam possuem complexidades distintas.

A pós-verdade, por exemplo, ao ser conceituada por El-Jaick (2019, p. 42), foi definida com “uma forma de deliberadamente não dar crédito à verdade dos fatos, mesmo quando estes são confirmados (posteriormente) por fontes confiáveis – pior: por pessoas implicadas diretamente na história em jogo”.

---

<sup>5</sup> FIOCRUZ. **Diferenciais de cobertura vacinal segundo grupos etários no Brasil** (2022). Disponível em: <<https://portal.fiocruz.br/documento/nota-tecnica-diferenciais-de-cobertura-vacinal-segundo-grupos-etarios-no-brasil>>. Acesso em: 06 jul. 2022.

Outros autores que também se debruçaram sobre o tema revelam que diante de uma realidade na qual a sociedade abriu mão do poder de questionar e discernir sobre as informações, a pós-verdade atua como um instrumento pedagógico de desorientação.

Pode-se afirmar que o principal objetivo da pós-verdade é desorientar o leitor no seu processo de formulação de conhecimento e de formação de opinião. [...] Angelis (2017) explica que em comunidades nas quais o princípio da pós-verdade está estabelecido, a propensão dos indivíduos a serem manipulados e enganados pelas fake news é facilitada, causando um ciclo em que uma pode aumentar os impactos da outra (BLANCO; PAULA; SILVA, 2018, p. 96).

Este contexto levou o jornalismo, segundo Luiz (2020), a traçar caminhos de enfrentamento ao à produção de informações enganosas.

Em função da desordem causada pela circulação massiva de informações falsas, um flanco do jornalismo altera a sua lógica de atuação, não mais se reservando a relatar fatos ocorridos, mas a checar se notícias criadas à margem do seu sistema são procedentes. (LUIZ, 2020, p. 4)

Essa circulação massiva de informações falsas e teorias da conspiração, à qual Luiz (2020) se refere, tem sido conceituada como desinformação. Com base na categorização proposta por Recuero e Soares (2020), é possível elencar o fenômeno desinformação em seis tipos:

(1) o conteúdo enganoso, usado para criar um enquadramento negativo; (2) o conteúdo impostor, ou seja, conteúdo publicado por fontes impostoras de fontes reais; (3) conteúdo fabricado (que se aproxima mais da noção de “fake news”), em que são divulgadas informações completamente falsas; (4) falsa conexão, ou seja, quando uma conexão falsa é criada entre dois conteúdos, como título e texto; (5) falso contexto, quando um contexto falso é oferecido para um conteúdo verdadeiro e; (6) conteúdo manipulado, quando um conteúdo verdadeiro é manipulado para enganar (RECUERO, SOARES, 2020, p. 5).

Ao categorizá-la, os autores afirmam que o principal método de diferenciação da desinformação é a intenção do seu propagador. De forma que “a desinformação é uma informação falsa propositalmente fabricada ou manipulada para enganar um grande público, para causar dano a algo ou alguém e, portanto, não compreenderia, por exemplo, piadas ou sarcasmo” (RECUERO, SOARES, 2020, p. 5).

Segundo Delmazo e Valente (2018), apesar de ser um fenômeno antigo, o que abre margem para que a desinformação atinja um novo patamar é a disseminação pelas redes sociais online e a cultura de partilha, reforçando que “esse problema ganhou visibilidade pela capacidade de influenciar os sistemas políticos, especialmente processos eleitorais, e acentuar a polarização política” (DELMAZO; VALENTE, 2018, p. 166).

O real impacto da desinformação ainda é imensurável, porém já é de conhecimento público o retrocesso que a propagação de conteúdo falso representa nos debates públicos e nas estratégias de comunicação, de maneira que compreender sua circulação é essencial para que possamos pensar em modos de combater esse tipo de fenômeno (RECUERO, SOARES, 2020). Segundo Castro (2020, p. 2), “enquanto os órgãos jornalísticos operam com base em uma curadoria editorial, nas plataformas a curadoria está a cargo dos algoritmos, os quais decidem o que será mostrado a cada usuário e em que ordem”.

Em busca de oferecer determinado enfrentamento a esse problema provocado pela desinformação, o jornalismo apresenta uma modalidade de produção de notícias a partir de verificação de fatos ou originalmente “fact-checking”. Ganhando cada vez mais destaque, ela se preocupa com a checagem de boatos, declarações e conteúdos que são ditos ou compartilhados por autoridades públicas ou que viralizam nas plataformas digitais (MAIA & NÓBREGA, 2020).

Se antes o trabalho do jornalista era somente produzir matérias e reportagens, agora, soma-se à sua rotina a busca por meios que comprovem ou invalidem conteúdos suspeitos na circulação midiática. Segundo Delmazo e Valente (2018) os media tradicionais visam estabelecer um contraponto às notícias falsas e buscam se afirmar como referências de informação de qualidade.

A preocupação com o problema das fake news levou uma série de organizações a elaborarem projetos relacionados ao tema, especialmente de verificação de fatos e capacitação de cidadãos e coletivos para identificar e não disseminar conteúdos falsos (DELMAZO & VALENTE, 2018, p. 163).

Certamente, não se pode desprezar que essas organizações também se apresentam como um sistema de mercado e surgem a partir de uma demanda social, mas também econômica. E, assim, por meio de um apelo da própria sobrevivência, o jornalismo forja agências de checagem, que vêm enfrentando o fenômeno da desinformação, em uma era conflituosa de pós-verdade. Castro (2020), porém, ressalta que as agências de checagem

---

podem não ser neutras por seus vínculos “a órgãos de mídia mainstream e fundações privadas cuja agenda se confunde com a do neoliberalismo” (CASTRO, 2020, p. 13). .

Tais conceitos apresentados, brevemente, serão fundamentais para o entendimento da pesquisa desenvolvida neste artigo. Ao investigar uma realidade conflituosa e o trabalho engajado em superar os desafios desse contexto, é necessário, antes, entender os conceitos e percepções discutidos sobre o assunto.

### **Procedimentos metodológicos da pesquisa**

Para realizar as investigações propostas neste trabalho são utilizados os pilares teórico-metodológicos da análise de conteúdo. De acordo Cavalcante, Calixto e Pinheiro (2014, p. 14), “a análise de conteúdo compreende técnicas de pesquisa que permitem a descrição das mensagens e das atitudes atreladas ao contexto da enunciação, bem como as inferências sobre os dados coletados”.

Já Santos (2011), ao estudar as contribuições de Laurence Bardin, considerada criadora da metodologia em sua obra “Análise do Conteúdo”, defende que a construção analítica “tem por objetivo apresentar uma apreciação crítica de análises de conteúdo como uma forma de tratamento em pesquisas qualitativas e quantitativas (2011, p. 383)”.

Segundo Santos (2011), em sua obra, Laurence Bardin (2017) destaca o contexto histórico da metodologia, que surge em meados dos anos 1940 como uma necessidade de ampliar os estudos sobre os meios de comunicação, considerando o desenvolvimento tecnológico da época. Ainda de acordo com a autora, Bardin defende em duas obras que a análise do conteúdo é um conjunto de instrumentos de cunho metodológico em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a discursos, conteúdos e continentes extremamente diversificados.

Na prática, o desenvolvimento da análise de conteúdo consiste nas seguintes etapas: pré-análise, exploração do material ou codificação e tratamento dos resultados obtidos/interpretação (CAVALCANTE, CALIXTO, PINHEIRO, 2014). Além disso, ao longo do desenvolvimento da investigação também são necessárias as determinações de categorias classificativas de análise, para que a discussão seja construída em uma lógica linear de compreensão em relação aos questionamentos apresentados, como evidenciam Cavalcante, Calixto e Pinheiro (2014):

---

A partir daí, o analista propõe inferências e realiza interpretações, inter-relacionando-as com o quadro teórico desenhado inicialmente ou abre outras pistas em torno de novas dimensões teóricas e interpretativas, sugerida pela leitura do material (CAVALCANTE, CALIXTO, PINHEIRO, 2014, p. 16).

Em consonância com as contribuições teóricas, neste trabalho realiza-se o monitoramento qualitativo e quantitativo, durante o período de janeiro a fevereiro de 2022, da Agência Lupa, vinculada a Revista Piauí, nas checagens sobre a vacinação infantil contra a Covid-19.

Na amostra de conteúdo são considerados apenas materiais classificados como enviados pelos leitores via aplicativo do Whatsapp, como também é realizada a filtragem das publicações que tratam do assunto vacinação infantil. No desenvolvimento da pesquisa serão consideradas as seguintes categorias de análise: 1) plataforma de envio; 2) etiqueta; 3) tema; 4) direcionamento da mensagem; 5) natureza do discurso.

Na etapa de interpretação do conteúdo, ponderando os dados coletados, o estudo apoia-se no referencial teórico sobre desinformação, pós-verdade, checagem de fatos e fake news. As interpretações pautadas nas contribuições teóricas e metodológicas dos conteúdos analisados pretendem contribuir para percepções plurais sobre os contextos sociopolíticos que configuram as demandas e relações sociais apresentadas nos produtos selecionados.

## **Resultados e discussões: Covid-19 e desinformação sobre vacinação infantil no WhatsApp**

Durante a investigação para a elaboração da presente pesquisa foram observadas as publicações na plataforma da Agência Lupa, no período de janeiro a fevereiro de 2022. Neste prazo, foi verificado um volume considerável de conteúdos relacionados à vacinação infantil. Possivelmente, o assunto passou a estar em evidência porque, em janeiro de 2022, o Brasil deu início à campanha de vacinação infantil no país<sup>6</sup>. Visto isso, fez-se relevante a pesquisa em relação às publicações que abordam o esforço produzido, a partir das ferramentas da desinformação, para possivelmente causar pânico e desconfiança em relação à distribuição do imunizante à população infantil.

---

<sup>6</sup> COSTA, Kariane. **Vacinação infantil contra a covid completa uma semana no Brasil** (2022). Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/saude/audio/2022-01/vacinacao-infantil-contracovid-completa-uma-semana-no-brasil>>. Acesso em: 06 jul. 2022.

A Lupa estabelece etiquetas para suas checagens<sup>7</sup>. São elas: Verdadeiro (a informação está comprovadamente correta); Verdadeiro, mas (a informação está correta, mas o leitor merece mais explicações ainda é cedo para dizer); Ainda é cedo para dizer (a informação pode vir a ser verdadeira. ainda não é); Exagerado (a informação está no caminho correto, mas houve exagero); Contraditório (A informação contradiz outra difundida antes pela mesma fonte); Subestimado (os dados são mais graves do que a informação); Insustentável (não há dados públicos que comprovem a informação); Falso (a informação está comprovadamente incorreta); De olho (etiqueta de monitoramento).

De todas as produções coletadas, a pesquisa debruça-se sobre quatro: duas publicadas no mês de janeiro e duas no mês de fevereiro. Os títulos são os seguintes: [i] Vídeo que mostra pai chorando morte de criança é de bombardeio na Síria e não tem relação com vacinas (AFONSO, 2022); [ii] #Verificamos: Vídeo de pai desesperado em hospital é de 2019 e não tem relação com vacina (LOPES, 2022); [iii] #Verificamos: Em vídeo, médico usa informações fora de contexto sobre imunidade natural e vacinação em crianças (MACÁRIO, 2022); e [iv] É falso que menina teve eventos adversos da vacina que a levaram à morte em Maceió (COSTA, 2022).

Em relação às checagens publicadas no mês de janeiro, a pesquisa identificou que ambas apresentam características semelhantes: os dois conteúdos são vídeos de supostas crianças que faleceram em decorrência da vacinação.

Na checagem compartilhada em 5 de janeiro de 2022, com o título “#Verificamos: Vídeo que mostra pai chorando morte de criança é de bombardeio na Síria e não tem relação com vacinas”, foi constatado que o vídeo circulava com uma legenda que afirmava que “Uma criança de 11 anos morre após receber a vacina. O pai desesperado não sabe o que fazer. Crianças estão sendo assassinadas pelas farmacêuticas, pelos políticos corruptos, pela imprensa e pelos médicos, todos genocidas. Todos corrompidos pela elite psicopata. Vítimas inocentes das vacinas... Frágeis e indefesas crianças, sendo entregues à morte pelos próprios pais. Não vacine seu filho!!!” (AFONSO, 2022).

A Lupa considerou o conteúdo completamente falso, considerando os instrumentos de checagens de fatos da própria atuação do veículo. Conforme a informação da agência, o vídeo não mostrava uma criança morta após tomar a vacina contra a Covid-19, uma vez que o

<sup>7</sup> LUPA. **Como a Lupa faz suas checagens** (2015). Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2015/10/15/como-fazemos-nossas-checagens/>>. Acesso em 06 jul. 2022.

menino do vídeo foi uma das vítimas de um bombardeio na Síria, em outubro de 2021 (AFONSO, 2022).

Ao analisar a legenda, percebe-se, de forma evidente, que o conteúdo da desinformação é direcionado para os pais. O aviso de "Não vacine seu filho!!!" funciona como um alerta aos responsáveis pelas crianças em relação ao perigo de permitir que o filho seja vacinado. Relacionando com as categorizações de Recuero e Soares (2020), o conteúdo enquadra-se na desinformação manipulada, uma vez que o vídeo traz cenas reais, mas é utilizado para propagar informações corrompidas.

No que tange a publicação do dia 24 de janeiro de 2022, com o título “#Verificamos: Vídeo de pai desesperado em hospital é de 2019 e não tem relação com vacina” (LOPES, 2022), a agência também considerou o conteúdo como falso. De acordo com a checagem, além do vídeo, a publicação compartilhava a seguinte legenda: "Vacinação mata criança na Paraíba. Pai desesperado ao ver seu filho morto” (LOPES, 2022). De forma que, mais uma vez, é possível identificar tanto o discurso anti-vacina como o endereçamento da desinformação para os responsáveis.

Segundo as informações da aferição, “o vídeo foi gravado em fevereiro de 2019 na Maternidade Balbina Mestrinho, em Manaus, capital do Amazonas, e não tem nenhuma relação com a vacinação contra Covid-19. A gravação foi feita quando o novo coronavírus sequer existia” (LOPES, 2022).

Aproximado a discussão das contribuições teóricas, nos dois primeiros conteúdos analisados, a desinformação se apresenta, como argumenta Recuero e Soares (2020), como uma produção manipulada para enganar um grande público, causando um dano imensurável, que, neste caso, reflete-se em discursos enganosos sobre a imunização da população infantil frente a uma pandemia inédita e altamente letal.

A tabela a seguir demonstra as categorias de análises propostas na pesquisa elencadas na verificação das checagens de janeiro.



Tabela 1 - Categorização e análise (janeiro)

<b>Checagem</b>	<b>Plataforma de envio</b>	<b>Etiqueta</b>	<b>Tema</b>	<b>Direcionamento do mensagem</b>	<b>Natureza do discurso</b>
#Verificamos: Vídeo que mostra pai chorando morte de criança é de bombardeio na Síria e não tem relação com vacinas;	Whatsapp	Falso	Relaciona morte de uma criança em bombardeio com a vacina	Aos pais	Antivacina
Verificamos: Vídeo de pai desesperado em hospital é de 2019 e não tem relação com vacina	WhatsApp	Falso	Relaciona morte de uma criança no momento do parto com a vacina	Aos pais	Antivacina

Fonte: próprios autores

Nas investigações sobre as postagens escolhidas durante o mês de fevereiro, constatou-se que os conteúdos também foram verificados como falsos e com a presença do discurso antivacina. Na publicação veiculada em 7 de fevereiro de 2022, com o título “#Verificamos: Em vídeo, médico usa informações fora de contexto sobre imunidade natural e vacinação em crianças” (MACÁRIO, 2022), a Agência revela que “o homem faz um apelo para que as crianças não sejam vacinadas porque elas têm ‘imunidade natural’ e ‘não precisam de algo que é muito pior que a doença’.

Baseado nas informações de Lupa, o vídeo circulava com a seguinte legenda: “Imunidade natural. Essa daí *foi que Deus fez*, com teu DNA intacto. Se você tem imunidade natural sustentada, se você teve a doença, se recuperou, tem todos os anticorpos quanto às 29 proteínas do vírus SARS-CoV2. Meu amigo, você tem o cartão ouro, pode passar em

---

qualquer lugar que você não pega doença de ninguém e não passa para ninguém” (MACÁRIO, 2022).

A partir das informações expostas, percebe-se a construção de um conteúdo totalmente manipulado, com informações científicas falaciosas. Na checagem, a Agência destaca que o anticorpo “é uma condição na qual os anticorpos gerados anteriormente por uma infecção natural ou induzidos por vacinas não conseguem neutralizar o vírus em uma nova infecção” (MACÁRIO, 2022). Contudo, são estudos iniciais, que ainda não identificaram evidências contundentes nos ensaios aplicados em seres humanos. Desta forma, o vídeo evidentemente carrega a mensagem antivacina, alarmando uma condição biológica, sem nenhuma validade científica, que invalida o uso da vacina contra o Covid-19.

A quarta checagem analisada foi publicada em 18 de fevereiro de 2022, com o título “#Verificamos: É falso que menina teve eventos adversos da vacina que a levaram à morte em Maceió”. Ao verificar o conteúdo, a Lupa novamente considerou as informações como falsas. Na publicação, é checado um “vídeo de uma menina sendo vacinada contra a Covid-19. Após receber a dose no braço, ela defende a campanha de imunização e diz que somente com essa proteção haverá dias melhores. A legenda da gravação afirma, no entanto, que S. teria morrido três dias depois, em decorrência dos eventos adversos da vacina, em Maceió (AL)” (COSTA, 2022). Com base nas investigações, Lupa revelou que “a menina teve aproximadamente 75% de seu pulmão comprometido pela Covid-19 e sofreu um acidente vascular cerebral de alta gravidade. A Secretaria de Estado da Saúde de Alagoas ressaltou que não procede a informação de que ela desenvolveu complicações em razão da vacina” (COSTA, 2022). E, conforme as informações, até o momento da publicação ela estava viva.

Embora a publicação se diferencie das outras analisadas, ao não trazer a mensagem explícita de antivacina, ainda carrega as características presentes nas anteriores como: a desconfiança em relação ao imunizante, a indução de uma crueldade existente na vacinação infantil, que culminam no discurso anti-vacina, o qual se aplica a todos os conteúdos analisados.

Na tabela a seguir é possível visualizar de forma mais geral as características em comuns nas duas publicações.

Tabela 1 - Categorização e análise (fevereiro)

<b>Checagem</b>	<b>Plataforma de envio</b>	<b>Etiqueta</b>	<b>Tema</b>	<b>Direcionamento do mensagem</b>	<b>Natureza do discurso</b>
#Verificamos : Em vídeo, médico usa informações fora de contexto sobre imunidade natural e vacinação em crianças	WhatsApp	Falso	Neurocirurgiã o traz informações sobre imunização, anticorpos e variantes, dando a entender que a vacina é desnecessária e pode causar prejuízos	Aos pais	Antivacina
Verificamos: É falso que menina teve eventos adversos da vacina que a levaram à morte em Maceió	WhatsApp	Falso	Relaciona vídeo de uma criança, que, supostamente, havia morrido, com a vacina	Aos pais	Antivacina

Fonte: próprios autores

Ao encontro do que propõem Recuero e Soares (2020), a intenção do seu propagador é o ponto chave para as análises desenvolvidas acerca dessas quatro peças desinformativas. Em todos os conteúdos, é possível verificar que a finalidade do material é causar insegurança sobre a vacinação infantil. Das quatro verificações, três trazem a morte de uma criança como um resultado da vacinação, representando 75% da amostra, uma desinformação que utiliza de eventos reais para construir um tema totalmente falso, de acordo com a Agência Lupa.

Por mais que os conteúdos tenham circulado em uma rede social de amplo acesso, com usuários de diferentes faixas etárias e condições socioculturais, os discursos presentes são bem articulados para pais e responsáveis de crianças que poderiam ser vacinadas à época.

Em uma das publicações, existe o apelo de “Não vacinem seus filhos”, uma demonstração de que a mensagem tenta amedrontar os pais, na medida em que, segundo a desinformação, podem ser responsáveis pela morte de seus próprios filhos. Esta lógica comprova o que Bruno e Roque (2019) afirmam, ao pontuar que a desinformação utiliza mecanismos emocionais e passionais para infiltrar determinados discursos. De acordo com os autores, a desinformação constrói um mecanismo estrutural bem maior, que é a pós-verdade, caracterizada por mensagens que mobilizam emoções fortes, considerando que elas são persuasivas. Desse modo, constata-se que o engajamento obtido por essas narrativas menos têm a ver com a sua veracidade do que com a pertinência às convicções coletivas.

Visto isto, a utilização da análise de conteúdo de quatro checagens feitas por Lupa permitiu que fosse apontado como a desinformação se desenvolve. As aferições analisadas carregam o tema vacinação infantil como elemento principal. Contudo, ao desvendar o conteúdo de cada uma, é possível encontrar diferentes caminhos utilizados como instrumento na fabricação e propagação de desinformação.

Dentro do universo de produção e checagem de informações e desinformações há muitos outros modos de análises e investigações. A escolha pela agência Lupa e pelo tema vacinação infantil carrega o anseio das pesquisas brasileiras em entender como a população foi informada e letrada em relação à única alternativa farmacológica, cientificamente comprovada, de sobrevivência em meio à pandemia do Covid-19.

### **Considerações finais**

Com o levantamento realizado nas produções da Agência Lupa, durante os meses de janeiro e fevereiro de 2022, considerando a seleção de quatro produções, esta pesquisa evidenciou que a desinformação sobre a vacinação infantil, encontrada nas investigações, utiliza narrativa que desestimula a vacinação em geral, podendo criar uma desconfiança nos pais. Algumas peças desinformativas deixam evidente a oposição consciente e radical e outras expõem perigos e dados científicos falaciosos, por vezes manipulados.

A partir das contribuições teóricas, o processo de identificação dos mecanismos e construção da desinformação também começa a ficar mais nítido. Visto que os recursos encontrados na elaboração dos conteúdos classificados como falsos são encontrados em tantos outros produtos da desinformação. De tal maneira que, fatos manipulados, apelos para

reações passionais, mensagens de terror e culpa sempre são encontrados nas publicações. Por isso, o trabalho da Agência Lupa é constatado como relevante, ainda mais ao se apropriar de uma rede social como o WhatsApp, um dos principais meios de compartilhamento de informações atualmente.

Outro ponto destacado pelos estudos é a exposição das contradições dos fatos pela Agência. Ao descrever quais elementos tornam o conteúdo falso, a Lupa revela o quão inconsistentes são informações oferecidas pelo material avaliado. Vale destacar que a pesquisa não tem a pretensão de afirmar que o processo de checagem dos fatos é simples. Em suma, todo esse trabalho detalha como a pós-verdade e a desinformação são menos complexas na sua criação do que no seu enfrentamento. Consequentemente, faz parecer que criar um factóide e espalhar sem responsabilidade e compromisso com a verdade é mais fácil do que a busca pela comprovação do que está sendo compartilhado.

Tal contexto é preocupante ao comparar o alcance das agência de checagens com o com produtos, já que as informações, quando desmentidas, atingiram um público enorme na internet e redes sociais, e podem continuar chegando a mais pessoas, já que grande parte da população não tem o hábito de acessar a página de agências de checagens ou checar uma informação antes de compartilhar. Por isso, mesmo reconhecendo essa função importante que o jornalismo tem feito, é preciso pensar em alternativas que impulsionem o alcance das agências e de seus conteúdos.

Mesmo se atentando a publicações que buscam checar informações sobre a vacinação infantil, a pesquisa concluiu que a desinformação, em seus múltiplos meios de construção e propagação, não é só um problema para os meios jornalísticos, mas se apresenta com um grande obstáculo social na manutenção de desenvolvimento do conhecimento, uma vez que limita, manipula e gera conteúdos que contrariam a percepção de que todos tenham acesso à informação de qualidade e construam pensamentos críticos, baseado na realidade, sobre qualquer assunto.

## Referências

AFONSO, Nathália. **Vídeo que mostra pai chorando morte de criança é de bombardeio na Síria e não tem relação com as vacinas** (2022). Disponível em: <<https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2022/01/05/verificamos-crianca-vacina/>>. Acesso em 06 jul. 2022.

BRUNO, Fernanda; ROQUE, Tatiana. A ponta de um iceberg de desconfiança. In BARBOSA, Mariana (org). **Pós-verdade e fake news: reflexões sobre a guerra de narrativas**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019. 128 p.

CASTRO, Júlio César L. de. A economia da desinformação em plataformas digitais. **43º Congresso brasileiro de Ciências da Comunicação – virtual – 1o a 10/12/2020**. Disponível em: <<https://portalintercom.org.br/anais/nacional2020/resumos/R15-1157-1.pdf>>. Acesso em: 06 jul. 2022.

CAVALCANTE, Ricardo B.; CALIXTO, Pedro. PINHEIRO, Marta M. K. Análise de conteúdo: considerações gerais, relações com a pergunta de pesquisa, possibilidades e limitações do método. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v.24, n.1, p. 13-18, jan./abr. 2014. Disponível em: <<https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/10000/10871>>. Acesso em: 06 jul. 2022.

COSTA, Kariane. **Vacinação infantil contra a covid completa uma semana no Brasil** (2022). Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/saude/audio/2022-01/vacinacao-infantil-contr-a-covid-completa-uma-semana-no-brasil>>. Acesso em: 06 jul. 2022.

COSTA, Samuel. **É falso que menina teve eventos adversos da vacina que a levaram à morte em Maceió** (2022). Disponível em: <<https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2022/02/18/verificamos-eventos-adversos-vacina-morte-maceio>>. Acesso em: 06 jul. 2022.

DELMAZO, Caroline; VALENTE, Jonas C. L. Fake news nas redes sociais online: propagação e reações à desinformação em busca de clique. **Mídia & Jornalismo**, v. 18, n. 32 (2018). Disponível em: <[https://impactum-journals.uc.pt/mj/article/view/2183-5462\\_32\\_11/4561](https://impactum-journals.uc.pt/mj/article/view/2183-5462_32_11/4561)>. Acesso em: 06 jul. 2022.

EL-JAICK, A. P. G. Pós-verdade, ficção e fake news. **Fragmentum**, Santa Maria, v. 53, jan./jun. 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.5902/2179219434906>>. Acesso em: 06 jul. 2022.

FIOCRUZ. Nota Técnica - Diferenciais de cobertura vacinal segundo grupos etários no Brasil. Disponível em: <<https://portal.fiocruz.br/documento/nota-tecnica-diferenciais-de-cobertura-vacinal-segundo-grupos-etarios-no-brasil>>. Acesso em: 06 jul. 2022.

G1. **Bolsonaro ataca vacinação infantil contra Covid e espalha desinformação sobre mortes de crianças**. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2022/01/06/bolsonaro-ataca-vacinacao-infantil-contr-a-covid-e-espalha-desinformacao-sobre-mortes-de-criancas.ghtml>>. Acesso em 06 jul. 2022.

LOPES, Plínio. **Vídeo de pai desesperado em hospital é de 2019 e não tem relação com vacina** (2022). Disponível em: <<https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2022/01/24/video-pai-desesperado-hospital-vacina>>. Acesso em: 06 jul. 2022.

LUIZ, Thiago C. **Biomassas em Chamas e Desinformação Ambiental: Análise de Narrativas das Redes Sociais Sobre Amazônia, Pantanal e Cerrado. 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – VIRTUAL – 1º a 10/12/2020.** Disponível em: <<https://portalintercom.org.br/anais/nacional2020/resumos/R15-0924-1.pdf>>. Acesso em: 06 jul. 2022.

MACÁRIO, Carol. **Em vídeo, médico usa informações fora de contexto sobre imunidade natural e vacinação em crianças** (2022). Disponível em: <<https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2022/02/07/verificamos-medico-imunidade-natural-vacinacao-criancas/>>. Acesso em: 06 jul. 2022.

MAIA, Carolina T.; NÓBREGA, Lizete B. da. **Desinformação na pandemia de Covid-19: uma análise de conteúdo das temáticas checadas pelo Estão Verifica. 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – VIRTUAL – 1º a 10/12/2020.** Disponível em: <<https://portalintercom.org.br/anais/nacional2020/resumos/R15-1981-1.pdf>>. Acesso em: 06 jul. 2022.

RECUERO, Raquel; SOARES, Felipe. **O Discurso Desinformativo sobre a Cura do COVID-19 no Twitter. E-Compós**, v. 24, p. 1-29, 2021. Disponível em: <<https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/2127/2008>>. Acesso em: 06 jul. 2022.

OXFORD LEARNER'S DICTIONARIES. **Post-truth** (2022). Disponível em: <<https://www.oxfordlearnersdictionaries.com/us/definition/english/post-truth?q=post+truth>>. Acesso em 06 jul. 2022.

PAULA, Lorena T. de; SILVA, Thiago dos R. S. da; BLANCO, Yuri A. **Pós-verdade e fontes de informação: um estudo sobre fake news. Revista Conhecimento em Ação**, v. 3, n. 1, jan./jun. 2018. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/rca/article/view/16764/11221>>. Acesso em: 06 jul. 2022.

SANTOS, F. M. dos. **Análise de conteúdo: a visão de Laurence Bardin. Revista Eletrônica de Educação**, v. 6, n. 1, p. 383-387, mai. 2012. Disponível em: <<http://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/291/156>>. Acesso em 06 jul. 2022.